

CAMÕES NOS PRELOS DE PORTUGAL E DA EUROPA (1569-2000)

A BIBLIOTECA CAMONIANA DE D. MANUEL II

José Augusto Cardoso Bernardes (Coordenador)

Hélio J. S. Alves

Isabel Almeida

Maria do Céu Fraga

Rui Afonso Mateus

Sheila Moura Hue

Thomas F. Earle

Vanda Anastácio

Imprensa da Universidade de Coimbra

2015



## I. AS TRADUÇÕES ESPANHOLAS DE OS LUSÍADAS

Hélio J. S. Alves

### Resumo

Referem-se todas as traduções espanholas d'*Os Lusíadas* constantes da Biblioteca de D. Manuel II. Presta-se especial atenção ao problema dos períodos em que o poema épico foi mais traduzido, à questão dos princípios observados pelas traduções do português para o castelhano e à questão da prioridade e primacial importância d'*Os Lusíadas* (por comparação com outros textos literários portugueses) como objecto de tradução na Espanha do *Siglo de Oro* e do último terço do século XIX.

### Summary

All the Spanish translations of *Os Lusíadas* existing in the D. Manuel II Library are mentioned. Special attention is given to the following questions: the periods when the poem was most frequently translated; the principles that were followed when translating from Portuguese into Spanish; the priority and prime importance of *Os Lusíadas* (by comparison with other Portuguese literary texts) as an object of translation in Spain during the Golden Age and the last third of the nineteenth century.

1580, ano em que Portugal e o seu império perdem a independência política, foi também o ano mais produtivo de sempre para as traduções espanholas d'*Os Lusíadas*. Com efeito, nessa data saíram de prelos situados em Alcalá de Henares e de Salamanca duas traduções diferentes do poema épico de Camões, respectivamente a de Benito Caldera (ou Bento Caldeira, já que era português) [99] e a de Luis Gómez de Tapia, esta última com anotações [93]. Cerca de uma década mais tarde, em 1591, imprimia-se nova tradução, por Henrique Garcés (ou Garcês, pois também era português) [100], em Madrid, expressamente destinada ao público da América Espanhola. De todas estas primeiras edições, a Biblioteca de D. Manuel II possui raros exemplares em excelente estado de conservação. No século XVII, a edição de *Os Lusíadas* em português, profusamente anotada, em espanhol, por Manuel de Faria e Sousa, inclui uma tradução em prosa castelhana realizada, pelo comentador, estrofe a estrofe. Desta monumental edição de 1639 em quatro tomos [14], não falta igualmente um exemplar na Biblioteca do último rei de Portugal. A mesma Biblioteca

possui outrossim traduções muito mais recentes, como sejam as de Lamberto Gil (1818), o Conde de Cheste (1872), Don Carlos Soler y Arqués (1873), Manuel Aranda y Sanjuán (1932) e Aquilino Duque (1980). A de Aranda y Sanjuán presente no Paço Ducal é uma reimpressão inserida numa colecção intitulada “Las Grandes Obras Maestras de la Literatura Universal” e encadernada em conjunto com peças clássicas de outros autores (Tasso, Quevedo etc.); a original imprimiu-se em 1874. Uma reedição diferente, desta vez da tradução de Gómez de Tapia, impressa em 1913 [102], faz também parte da colecção iniciada por D. Manuel II. Há outras transposições de *Os Lusíadas* para a língua espanhola que não constam, por enquanto, do espólio do Paço Ducal de Vila Viçosa. Encontram-se na respectiva biblioteca, porém, todas as traduções impressas antes do século XX e quase todas nas edições originais.

Num conspecto geral, o panorama das traduções castelhanas de *Os Lusíadas* exhibe algumas características próprias que a crítica mais atentamente debruçada sobre o assunto tem vindo a observar. Entre essas características mais salientes contam-se a existência de um fosso temporal sem traduções impressas, perto de duzentos anos (entre Faria e Sousa e Lamberto Gil), a presença maioritária de tradutores de naturalidade portuguesa na primeira fase da história da tradução (1580-1639) e exclusivamente espanhola na segunda (de 1818 em diante), bem como uma intensidade concentrada da publicação de traduções por volta de dois anos particulares, 1580 e 1872. Não obstante os vários artigos publicados ao longo do tempo, estas são matérias insuficientemente trabalhadas: ainda não saíram a público as análises e os estudos necessários para qualificar e matizar com rigor as impressões gerais obtidas.

Há quem diga que «a tradução domestica inevitavelmente textos estrangeiros».<sup>485</sup> Ao inscrever na tradução os valores linguísticos e culturais que adquirem sentido no âmbito da cultura de recepção, a tradução será sempre um acto de domesticação. A transparência é uma ilusão. O estrangeiro, ao sê-lo, não pode ser caseiro; o Outro não é o Mesmo. Mas a tradução potencia, se é que não cria, essa transformação do estranho no doméstico.

A questão da domesticação está bem viva no debate académico acerca das traduções espanholas de *Os Lusíadas*, sendo até objecto de polémica no que diz respeito aos textos quinhentistas. Com efeito, depois de Eugenio Asensio ter definido, num bem

<sup>485</sup> Lawrence Venuti, *The Scandals of Translation: towards an Ethics of Difference*, Nova Iorque e Londres: Routledge, 1998, p. 67.